

“A Vida de Quem Noticia a Morte”: O Fim Sob Uma Perspectiva Humanizada e Plural¹

William da Silva SANTOS²

Roberta Kelly de Souza BRITO³

Daniel Dantas LEMOS⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a reportagem em jornalismo impresso *A vida de quem noticia a morte*. A reportagem foi produzida por dois estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) no segundo semestre de 2012, quando cursavam a disciplina de Jornalismo Impresso I. Também neste trabalho, todo o processo de produção é detalhado, desde a discussão que motivou a criação da revista [...] *reticências*, onde a matéria foi publicada, a escolha do tema – a morte –, passando pela definição das abordagens da pauta, até as fases de apuração jornalística e finalização da reportagem já diagramada. O *paper* também traz parte do referencial teórico trabalhado junto à produção laboratorial que prezou pela liberdade de criação coletiva, bem como justifica a escolha do gênero para trabalhar a temática sob uma perspectiva humanizada e plural.

PALAVRAS-CHAVE: reportagem; jornalismo impresso; revista; vida; morte.

1 INTRODUÇÃO

Reportar. “Escrever uma reportagem é, antes de mais, contar uma história” (SOUSA, 2001, p. 263). Todos sabem contar histórias, afinal. A reportagem, por sua vez, como destacam Dimenstein e Kotscho (1990, p. 10), “é apenas a técnica de contar boas histórias”. Será mesmo apenas a técnica? A academia, portanto, seria um espaço para a reprodução de uma lógica de mercado ou também dá margem à experimentação de outras formas, conteúdos e modos de fazer?

É no quarto semestre da graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) que os estudantes passam a estabelecer um contato mais próximo com a produção laboratorial em jornalismo impresso. Especialmente na sua expressão informativa, base do jornalismo noticioso. A reflexão – em termos técnicos, éticos, estéticos ou conceituais – acerca dos gêneros nota, notícia, entrevista e reportagem acompanha a descoberta, na

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: william.santos93@gmail.com.

³ Estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: bertasouza.cs@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: danieldantas79@ufc.br.

prática, do modo como as histórias devem ser contadas a partir de uma linguagem predominantemente jornalística. Jornalística, sim. Mas não somente – por vezes as fronteiras acabam por entrelaçá-la com a literatura, é bem verdade. Haveria, contudo, um modo, uma “receita”? Ou seriam modos? A pluralidade que o próprio jornalismo carrega consigo torna-se um adendo no desafio de pensar a sala de aula como um espaço de criação.

Assim, ao passo em que o fim do período letivo se aproximava, havia chegado a hora de, finalmente, exercitar o fazer jornalístico. Com base, é claro, na discussão teórica que nos acompanhara durante todo o segundo semestre de 2012. A missão (decidida coletivamente) dos 22 alunos que cursavam a disciplina de Jornalismo Impresso I era, então, a de produzir uma revista – ainda sem nome, projeto gráfico ou linha editorial.

Sob sugestão do professor Daniel Dantas, orientador deste trabalho, o ponto de partida foi o documentário de Marcelo Masagão, “Nós que aqui estamos por vós esperamos” (1999). Assistimos aos 72 minutos da proposta que, sem uma fala sequer, tenta observar a história do século XX por meio dos olhares de “pequenos personagens”. Masagão, através de uma morbidez poética e reflexiva, invoca o aconselhamento espiritual de Eric Hobsbawn e de Sigmund Freud. Afinal, “o historiador é o rei e Freud é a rainha”.

Boas vidas, vidas despedaçadas, mortes honrosas, traumas de guerra: essas foram as nossas inspirações. “Essa reflexão e toda essa poesia em torno das pulsões de vida, amor e morte de um grupo de sujeitos jovens, interessados e capazes produziu a revista. Uma revista que ganhou nome – [...] reticências –, tema e pautas sobre a morte”, diz o texto de apresentação da publicação. A morte sob uma perspectiva humanizada e plural.

Tratando-se de uma revista impressa, a presença de reportagens torna-se fundamental. Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho (1990, p. 10) já defendiam que “a reportagem deve ter algum especial fascínio”. Isso talvez porque “se a notícia é o gênero básico do jornalismo, a reportagem é o seu gênero nobre, o gênero jornalístico por excelência” (SOUSA, 2001, p. 259). Ela, por sua vez, requer pesquisa, envolvimento, aprofundamento, versatilidade, dedicação. Do começo ao fim.

A reportagem a qual se refere este *paper*, intitulada *A vida de quem noticia a morte*, foi fruto de uma das pautas propostas pela turma, dentro da temática que está presente nas 44 páginas da revista. Divididas as pautas, formaram-se duplas para a execução delas. Apuração, decupagem, fotografia, texto, diagramação. Todo o trabalho foi feito pelos próprios estudantes. Nos tópicos que seguem, detalharemos todo o processo de produção para que chegássemos ao resultado final.

2 OBJETIVO

O principal objetivo de uma reportagem é informar com profundidade e exaustividade, contando uma história. No meio jornalístico ouve-se frequentemente a expressão 'uma reportagem é uma notícia vista à lupa'. Mas, neste gênero, procura-se, ainda, que o leitor 'viva' o acontecimento (SOUSA, 2001, p 259).

Nesse contexto, o objetivo principal da reportagem *A vida de quem noticia a morte* é, antes de tudo, contar uma boa história. Aliás, histórias. É esse o papel social do repórter, afinal. O tratamento do tema, por sua vez, exige delicadeza e tato. Assim, os sentimentos deveriam saltar das palavras. Falaríamos não só de profissionais, mas de pessoas, de vidas que convivem com o fim. Outro objetivo, portanto, era mostrá-las tão humanas como nós e, dessa forma, aproximá-las do leitor e até conscientizá-lo sobre importantes assuntos que são tocados, uma vez que “na narrativa jornalística há sempre uma relação íntima entre personagens e pessoas físicas porque personagens representam pessoas reais” (MOTTA, 2007, p. 7).

Outro objetivo da reportagem *A vida de quem noticia a morte* era trabalhar o tema de modo que fugisse do lugar comum, da superficialidade. À primeira vista, o teor da pauta pode dar a entender que falaremos apenas do universo do jornalismo policial, por exemplo. No entanto, a abordagem seria bem mais ampla: iríamos em busca por múltiplos olhares que dialogassem entre si. O leitor seria apresentado a outros personagens e passaria a enxergá-los de outra forma. Da forma que não costuma ser vista nas páginas dos jornais que circulam na cidade – isso quando aparecem. Pois, conforme sugere Luiz Gonzaga Motta em sua análise pragmática da narrativa jornalística, “a personagem constitui uma construção não apenas no texto, mas igualmente uma reconstrução do receptor” (MOTTA, 2007, p. 7).

Aqui, no entanto, vale ressaltar que os objetivos deste trabalho ultrapassam o que almeja a reportagem como gênero jornalístico. A execução desta pauta – e de todas as outras que compõem a revista [...] reticências – objetivou ser uma oportunidade de produção jornalística laboratorial e de experimentação de recursos pouco explorados em outras disciplinas.

Como já foi dito, os estudantes passaram por todas as etapas de produção para que chegássemos ao produto final. A sala de aula transformou-se em uma redação com repórteres, pauteiros, diagramadores, fotógrafos, editores. Funções estas que se acumulavam. A ideia, na verdade, era essa: permitir que a experiência fosse vivenciada na

maior parte dos seus aspectos. O caráter experimental presente nas páginas – que não seguiam, obrigatoriamente, um padrão mercadológico – traduzem a relação entre inovação e tradição que um veículo, como é o caso de uma revista, é capaz de estabelecer. Afinal, o objetivo era, é e será sempre o aprendizado.

Tudo isso converge em um ponto crucial: o objetivo maior, intrínseco em toda reportagem jornalística, é informar. Para isso, trazer algo novo é fundamental. Informação nova e relevante, é claro. Essa era também uma preocupação nossa. Não estávamos produzindo a revista – e a matéria, em especial – somente para a turma, mas principalmente para quem fosse folheá-la em busca por conteúdo de qualidade.

3 JUSTIFICATIVA

Entre tantos gêneros que foram trabalhados nas 44 páginas da revista [...] reticências, por que, então, a escolha do gênero reportagem para o desenvolvimento da pauta que trata da *vida de quem noticia a morte*? Sobre isso, Sousa (2001, p. 259) observa que “a reportagem pode abrigar elementos da entrevista, da notícia, da crônica, dos artigos de opinião e de análise, etc”. E acrescenta:

Desta perspectiva, a reportagem pode se tornar um gênero jornalístico híbrido, que vai buscar elementos à observação direta, ao contato com as fontes e à respectiva citação, à análise de dados quantitativos, a inquéritos, em suma, a tudo o que possa contribuir para elucidar o leitor (SOUSA, 2001, p. 259).

Deste modo,

A reportagem é um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar, mas sempre num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento, que imirja o leitor na história (SOUSA, 2001, p. 259).

Ora, sendo assim, a reportagem configurava-se como o gênero ideal para que os objetivos descritos neste trabalho fossem alcançados. Se fizermos um resgate histórico, vale lembrar, ainda, da contribuição que o desenvolvimento da grande reportagem representou em uma época na qual o jornalismo passava por mudanças que seriam cruciais no processo de legitimação da atividade profissional. Segundo Nelson Traquina,

Com o desenvolvimento da reportagem, e em particular a grande reportagem, o jornalismo ganha algum prestígio. É só em fins dos anos

1880 que a grande reportagem se torna um ingrediente essencial do jornalismo em França (Ferenczi, 1993:47-48). Na virada do século, nota Bernard Voyenne, a conotação da palavra “repórter” mudou completamente. O termo, que designava “a mais humilde categoria das gentes da imprensa”, vai tornar-se 'como por uma metamorfose à vista desarmada, uma das mais prestigiadas e invejadas (citado em Ferenczi, 1993:48) (TRAQUINA, 2005, P. 78).

É a partir desta virada que surge, então, a figura idealizada do repórter. Nesse contexto, para Dimenstein e Kotscho (1990, p. 9), a função do repórter é fundamental, considerada privilégio, uma vez que o jornalismo “só vale a pena pela sensação de se poder ser testemunha ocular de seu tempo. E a história ocorre sempre na rua, não numa redação de jornal”.

Desmistificar ou reafirmar esses argumentos seria também um exercício de reflexão para a turma durante a produção da revista, já que todos foram repórteres. E não só repórteres. Pensar em uma reportagem que contemplasse a linha editorial também criada por nós através das discussões coletivas em sala de aula seria outro aspecto que justifica a importância do produto apresentado neste *paper*. O caráter de experimentação defendido neste trabalho está justamente atrelado à própria linha editorial da publicação.

Além disso, os repórteres puderam exercitar o seu olhar sobre a cidade e os sujeitos que a fazem, principalmente durante o tempo de produção. Tentar entender como os personagens da matéria eram vistos pelas pessoas foi essencial na busca por perspectivas reveladoras. O processo de apuração – que não foi simples – permitiu que os repórteres estabelecessem um contato mais direto com espaços, instituições e as próprias fontes.

Antes de contar uma história, também é necessário decidir se, de fato, ela merece ser efetivamente contada, à luz dos chamados critérios de noticiabilidade. Falar da vida de quem noticia a morte teria valor-notícia?

Há muitas listas sobre atributos de notícias, mas geralmente elas incluem alguns ou todos os seguintes fatores: timing; proximidade; importância; impacto ou consequência; interesse; conflito ou controvérsia; sensacionalismo; proeminência; e novidade, estranheza ou raridade (Eberhard, 1982; Evensen, 1997; Hough, 1995; Itule e Anderson, 2007). Alguns desses fatores dizem respeito a aspectos de desvio de um evento, e outros ao nível de significação social, da qual quatro dimensões foram identificadas - política, econômica, cultural e bem-estar público (Shoemaker e Cohen, 2006) (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 42).

Com base em alguns desses fatores foi que, durante a reunião de pauta, a turma chegou ao consenso de que tínhamos em mãos uma pauta relevante e executável, sim. Tais

critérios teriam, ainda, implicações nos modos de produção da reportagem, fosse na apuração, na decupagem, no texto, nas fotos. Afinal, “para se tornar um item jornalístico, a informação às vezes é narrada na forma de uma história. Histórias são configurações mentais que possuem fechamento, que possuem começos, meios e fins” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 44). O repórter é também *gatekeeper*. “Os jornalistas, como todas as pessoas, avaliam o valor notícia que pensam haver nos eventos” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 42).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após se decidir que a história merece ser contada, é preciso, então, fazer a reportagem. A realização de uma boa reportagem depende, normalmente, da preparação do jornalista, do domínio do assunto que ele evidencie, da capacidade de trabalho e de comunicação que ele denote (SOUSA, 2001, p.263).

A revista [...] *reticências* foi feita a 44 mãos. Sem dúvidas, um desafio. Para cada um de nós, individualmente, e para o grupo como um todo. Em cada uma das pautas, organizamo-nos em duplas, que ficavam responsáveis por todo o processo de produção da matéria, do começo ao fim. Na reportagem *A vida de quem noticia a morte* não foi diferente. Os autores deste trabalho participaram de tudo: pesquisa, elaboração e produção da pauta, apuração, decupagem, redação do texto, fotografia e edição das imagens e também da diagramação.

O processo criativo começou com a reunião de pauta, em que definimos os assuntos que seriam abordados pelas equipes de reportagem, tendo sempre como referência o macrotema que perpassava toda a revista, a morte. Coletivamente, ainda, a turma se propôs a pensar em abordagens e encaminhamentos, além de encontrar fontes e personagens que se adequassem à pauta proposta. Éramos pauteiros, produtores e repórteres.

Após as sugestões do grupo, a dupla se reuniu para elaborar uma pauta bem estruturada – ainda que isso seja raro em jornalismo impresso –, em que ficavam claros os objetivos, as abordagens, os possíveis personagens, além de trazer sugestões de perguntas para as entrevistas e de sugestões de fotos também. Planejar, contudo, sabendo que as circunstâncias poderiam se alterar. Afinal, “o trabalho de reportagem pode abrir novas pistas que mereçam ser exploradas” (SOUSA, 2001, p. 264). Alguns personagens exigiram um trabalho de produção maior. Os trâmites burocráticos pediam ofícios para solicitarmos a entrevista com um representante da Polícia Rodoviária Estadual, por exemplo. Já para

outros, os contatos com as assessorias de imprensa em busca de um horário livre do entrevistado para a nossa conversa eram sempre embalados a doses de paciência e, é claro, persistência.

Nomes fechados, entrevistas marcadas, partimos para a apuração. Apuração *in loco*, olho no olho. Tudo isso era importante para o tom que gostaríamos de dar à reportagem. Nosso objetivo era que cada entrevista fosse uma conversa. Assim como propõe Cremilda Medina, estabelecermos “um diálogo possível”. A necessidade das fotos já seria o bastante para que nos encontrássemos com todos os entrevistados pessoalmente. Mas para essa matéria, o significado era maior.

Para captarmos os detalhes, observar era preciso. Nas entrevistas – a maioria delas teve em torno de uma hora de duração – precisávamos estar atentos não só às palavras, mas também às características físicas, gestos, expressões, emoções. Havia um foco, mas costurávamos as histórias que seriam contadas. Se “no jornalismo as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias” (MOTTA, 2007, p. 7), nessa reportagem teríamos várias eixos que se encontrariam em algum ponto. E afinal, quanto vale um detalhe? Ricardo Noblat já aconselhava: “Pequem pelo exagero. Apurem mais informações do que irão precisar para escrever alguma notícia ou reportagem. É melhor mandar informação para o lixo do que descobrir, na hora de escrever, que está faltando alguma” (NOBLAT, 2002, p. 31). Ainda nesse sentido, Jorge Pedro Souza ressalta que

A reportagem é um gênero jornalístico híbrido, que pode ir buscar elementos ao contato com as fontes, à consulta de especialistas, ao exame de documentos, à análise de estatísticas, à realização de inquéritos, etc. Para o sucesso de uma reportagem o contato com as melhores fontes pode ser crucial. O jornalista deve conquistar-lhes a confiança, escutá-las com atenção e inquiri-las com respeito e pertinência (SOUSA, 2001, p. 264).

O processo de decupagem prometia ser longo, mas também não tínhamos muito tempo para fazê-lo. A aproximação do deadline pedia agilidade. Assim, das seis entrevistas, cada um decupou três. Depois, juntou-se todo o material para uma avaliação conjunta. Felizmente, havíamos conseguido todo o material que julgávamos importante para a reportagem. E até mais. Era imprescindível, portanto, Ter sempre o cuidado de não perder o foco da reportagem, uma vez que

O jornalista não pode deixar que a abundância de informação obscureça a história que há para contar e os dados cruciais que há para revelar. O

jornalista tem de estabelecer limites para a reportagem: temporais, espaciais, documentais. Se descobre muita informação de interesse, é preferível deixar parte dela para reportagens posteriores ou para peças autônomas a incluir no espaço de reportagem. Se for caso disso, pode difundir alguma dessa informação sob a forma de notícias. O que o jornalista não pode é perder de vista o objecto da reportagem e a linha condutora para o desenvolvimento do tema (SOUSA, 2001, p. 264).

O texto da matéria foi escrito em conjunto, com o auxílio da ferramenta online Google Docs, além dos encontros presenciais. Sugestões surgiam o tempo todo, colocações, comentários. Colaboração e autonomia. O diálogo e a troca constante nos permitiram escrever juntos e, ao mesmo tempo, deixar nossas marcas pessoais de modo que o texto não perdesse em unidade narrativa, que é importantíssima no gênero com o qual trabalhamos. Nesse contexto, vale lembrar que

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e opções (modos) linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário (MOTTA, 2007, p. 2).

As fotografias eram tiradas por nós mesmos durante as entrevistas, mesmo com a falta de equipamentos profissionais. Era o momento de aliar as técnicas de captação, composição e tratamento de imagens aprendidas na disciplina de Fotojornalismo ao princípio multimodal que o jornalismo impresso carrega consigo. Isso porque sabemos que o fotojornalismo “é hoje parte integrante da informação impressa e, como qualquer comunicação pela imagem, exige algum preparo do leitor para sua leitura crítica” (FARIA, 2001 *apud*. GAYDECZKA, 2007, p. 112). As fotos e legendas em uma reportagem não são meramente ilustrativas. Elas também comunicam e atraem o leitor.

Reportagem pronta, hora do professor orientador revisar o texto e fazer as devidas edições. Por fim, a diagramação, que proporcionou à turma pensar também questões relacionadas à hierarquização de informações na página, trabalhadas durante a disciplina de Planejamento Gráfico.

Como se pode perceber, os métodos e técnicas utilizados para a produção e execução desta pauta foram muitos. E além de termos nos deparado, durante o processo, com inúmeras questões discutidas durante a disciplina de Jornalismo Impresso I, também

tivemos a oportunidade de vivenciar a interdisciplinaridade que faz parte do fazer jornalístico. Deparamo-nos, inclusive, com situações em que o entrevistado nos deu informações em *off*, fazendo-nos lembrar de episódios discutidos na disciplina de Ética e Legislação no Jornalismo. É importante que tais produções laboratoriais nos permitam tantas vivências ainda na academia.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O resultado de todo o processo descrito até aqui é a reportagem de título *A vida de quem noticia a morte*, publicada na revista [...] *reticências*, ano 0, número 0. São sete páginas e cinco fotos.

No total, sete personagens compõem a reportagem: Osmar Aguiar, neurocirurgião; Harissmana Pinto e Fernanda Lopes, psicólogas; Socorro Alencar, assistente social; Túlio Studart, tenente coronel da Polícia Rodoviária Estadual do Ceará; Sílvio Maia, ex-perito criminalista; e Emanuela Braga, repórter policial. São profissionais que convivem com a morte e têm a incumbência de noticiar o fim para vidas que seguem, cada um no papel que lhe é designado. A abordagem ultrapassa o ofício de cada um. Busca, mais do que isso, desnudar esses homens e mulheres que acabam assumindo conflitos internos e sociais por terem que lidar com tais situações quase que diariamente.

Mesclar narração e descrição foi um artifício utilizado nessa relação que tentou-se firmar entre um jornalismo que, ainda que discretamente, bebe um tanto nas águas da literatura. Sérgio Villas boas discorre sobre isso quando fala sobre o estilo magazine:

As revistas exigem de seus profissionais textos elegantes e sedutores. Considerados os valores ideológicos do veículo, não há regras muito rígidas. Há, isto sim, um conciliação entre as técnicas jornalística e literária. Não fazem exatamente literatura, porque jornalismo não se expressa por supra-realidades. Ao contrário, tratam de uma realidade comum a todos. Mas a técnica literária é perfeitamente compatível com o estilo jornalístico. O estilo magazine, por sua vez, também guarda suas especificidades, na medida em que pratica um jornalismo de maior profundidade. Mais interpretativo e documental do que o jornal, o rádio e a TV; e não tão avançado e histórico quando o livro-reportagem (VILLAS BOAS, 1996, p. 9).

6 CONSIDERAÇÕES

No processo de produção da reportagem *A vida de quem noticia a morte*, prezamos, o tempo todo, pelas características que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 15;

apud. SOUSA, 2001, p. 259) definem como principais características do gênero reportagem: predominância da narração, humanização do relato, texto impressivo e factualidade da narrativa.

Os repórteres, de fato, tomaram para si o desafio de buscar novas abordagens, que revelassem outras perspectivas sobre uma pauta que tem sua devida relevância social e cultural, dada a reflexão sobre questões tão pertinentes ao ser humano, como a vida e a morte, e a proposta de apresentar melhor ao leitor esses personagens que desempenham papéis tão importantes em nossa sociedade. O aprendizado maior, talvez, é que, tal produção laboratorial nos fez perceber o quão importante é trabalhar em equipe. Especialmente quando se trata de jornalismo. Afinal, jornalismo é exercício de troca e humildade. E a imprensa existe, como bem disse Noblat, para satisfazer os aflitos e afligir os satisfeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis: Editora Insular. Volume I, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: VOZES, p. 143-167, 2007.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia.** Porto Alegre: Penso, 2011.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista.** São Paulo: Summus Editorial, 1996.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem.** São Paulo: Summus Editorial, 1990.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso.** Porto, 2001.